



SANTO ONOFRE O ERMITRANS

Blue Mariro¹

“Dinheiro para o meu bolso,

Pão para a minha boca,

Roupa para o meu corpo”

(Oração de São Onofre)

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a narrativa sobre a vida de São Onofre e as reivindicações que surgiram na última década sobre a sua transgeneridade, embasadas a partir de narrativas e contos populares. Este trabalho teve como metodologia o levantamento bibliográfico e documental sobre o santo, como também das temáticas referentes aos estudos sobre transgeneridade e religião. Por fim realizando uma análise imagética sobre os possíveis motivos pelos quais Onofre do Egito na atualidade poderia ser compreendido como um santo trans. E como há a necessidade de ocorrer a discussão sobre a transgeneridade na antiguidade.

PALAVRAS-CHAVE: Onofre do Egito. Transmasculinidades. Transgeneridade.

Introdução

Os espaços de poder na sociedade foram sendo ocupados majoritariamente por homens cis, brancos e héteros. Estes indivíduos detêm os meios para subjugar e oprimir os corpos e narrativas dissidentes. As vivências de pessoas trans são apagadas, ignoradas e/ou escritas por uma perspectiva cissexista. De acordo com Jesus (2012, p. 28), “Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais”. Desta forma, a realização de levantamentos documentais a respeito da permanência da corporeidade trans nos arquivos históricos é um desafio.

É corriqueira a retratação transfóbica nos documentos em que as pessoas trans acabam tendo a sua transgeneridade invisibilizada ao utilizarem, na construção do texto, alguns mecanismos como o gênero atribuído ao seu nascimento, desta forma ignorando a sua autoafirmação de gênero. Este processo de apagamento histórico da transgeneridade pode ser observado nas descobertas arqueológicas do Egito, em que Hatsepsut (dinastia XVIII), apesar de ter feito o pedido para ser representado com a barba postiça, características atribuídas ao masculino, é descrito nos textos acadêmicos como pertencente ao gênero feminino.



Uma das consequências deste apagamento é a criação de um distanciamento entre as vivências trans do passado com as vivências trans do presente. E este processo é variável dependendo da cultura do país, processo de colonização, imposição religiosa, dificuldades no acesso de literaturas, entre outros aspectos.

Metodologia

Conforme Althaus-Reid (2019, p. 211), “Se a santidade queer tiver uma característica, ela pode ser a sua irrepresentabilidade”. Para a autora, a Teologia queer é um espelho que permite a busca pela queer presente nas pessoas. Desta forma, pesquisar sobre a vida destes santos e as suas interpretações revela uma face que foi ignorada nos seus mitos.

Este trabalho teve como metodologia o levantamento bibliográfico e documental sobre o tema proposto, que, de acordo com Gil (2010), é desenvolvido com material já elaborado, livros, artigos científicos, artigos de jornais, entre outros textos que abordam a vida de São Onofre, transgeneridade e a religiosidade. Baseando-se em autores e autoras como Jesus (2012), Althaus-Reid (2019), Betancourt (2020), entre outros.

O Santo Onofre do Egito

De acordo com a definição de Jesus (2012, p. 25), a transgeneridade é um “conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento”.

Na atualidade, os movimentos de reivindicação por representatividade e pela reparação histórica envolvendo as narrativas de pessoas trans possibilitam que ocorram questionamentos sobre certos registros documentais de pessoas que antes eram tidas como “exóticas”, “diferentes”, “autênticas” e ou “estranhas”.

De acordo com Betancourt (2020),

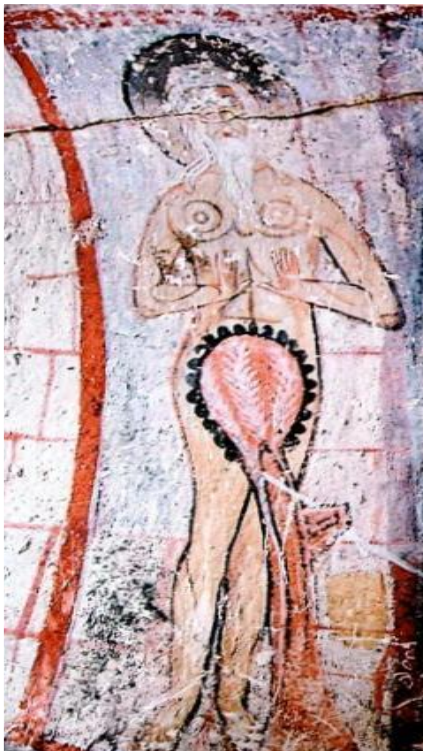
Do quinto ao nono século, várias vidas de santos compostas em todo o Mediterrâneo de língua grega detalham as vidas de indivíduos atribuídos ao sexo feminino no nascimento que, por uma série de razões diferentes, escolheram viver suas vidas adultas como homens em mosteiros. A

popularidade dessas histórias em todo o Mediterrâneo cristão é evidente, pois foram traduzidas para os dialetos copta, siríaco, etíope, armênio, árabe, latino e outros dialetos europeus. (BETANCOURT, 2020, p. 1)

Uma destas narrativas é a da possível existência de um Santo trans presente na liturgia da igreja católica, igreja ortodoxa e igreja ortodoxa oriental. O Santo Onofre (Onuphrius), nascido no Egito (ano desconhecido) e que passou a vida como um padre do deserto (eremita) no Alto Egito entre o século IV e V. Onofre era conhecido pelas suas habilidades como tecelão; devido a esta aptidão, o santo é considerado o protetor dos tecelões e tem o dia 12 de junho dedicado a sua memória.

Nos últimos anos, a motivação para o questionamento sobre a transgeneridade de Santo Onofre é devido à popularização de imagens de um afresco presente na igreja ortodoxa oriental Yılanlı Kilise (Igreja das Serpentes) localizada na Capadócia, Turquia, sendo este santo retratado de barba longa, corpo curvilíneo, seios e folhas cobrindo a genitália.

Imagem 1- Afresco de São Onofre localizado na Capadócia - Turquia



Fonte: Enciclopédia LGBT, 2022

Descrição de imagem: a imagem mostra a representação de São Onofre, que se apresenta como uma pessoa de pé, com os braços estendidos na frente de si e as mãos quase se tocando, e com uma folha cobrindo a região dos genitais. A cor da pessoa é bege rosado, a folha é rosa com detalhes pretos ao redor, e o fundo é branco azulado, com uma linha vermelha na lateral esquerda.

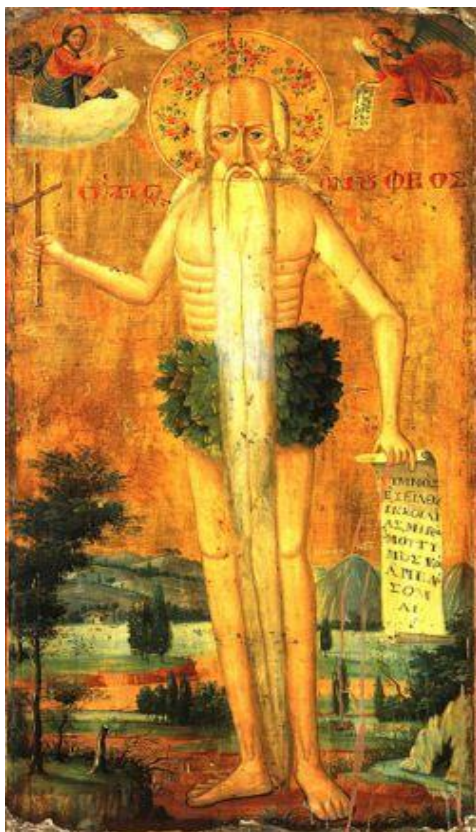
Conforme a descrição, será que São Onofre poderia ser interpretado como uma pessoa trans? Na história contada por guias locais que apresentam a igreja ortodoxa oriental e seus afrescos, Santo Onofre teria sido designado do gênero feminino ao

nascer, e, quando adulto, teria pedido a Deus para que o fizesse ter barba, já que o mesmo não desejava se casar. Após ter o seu pedido atendido, realizou voto de castidade, isolando-se no deserto por quase sete décadas.

De acordo com a história de vida do santo, é possível elencar que Onofre rejeitou e/ou não se identificou com a atribuição de gênero que lhe foi designada. Em determinado momento de sua vida, fez um pedido ao divino para que a sua corporeidade fosse modificada (barba) e, após a concretização de seu pedido, o mesmo passa a vivenciar uma identidade de gênero masculina. Sendo assim, Onofre se distancia da perspectiva patriarcal, normativa, cisgênera dos corpos, aproximando-se do que é compreendido atualmente como transgeneridade.

A narrativa oficial da igreja católica relata que, entre os séculos IV e V, São Onofre foi um padre do deserto, um eremita, que viveu durante setenta anos em isolamento, tendo como uma de suas características a habilidade como tecelão. O relato foi escrito por São Pafúncio, que teria documentado os últimos momentos de Onofre. Em nenhum dos arquivos consultados há a menção sobre a sua possível transgeneridade.

Imagem 2 – Representação bizantina de São Onofre de autoria e anos desconhecidos



Fonte: Wikipédia, 2022

Descrição de imagem: a imagem mostra a representação de São Onofre, que se dispõe como uma pessoa de pé, com os braços estendidos ao lado do corpo, com folhagens verdes cobrindo a região de sua genitália, com uma barba branca longa e cabelos brancos ao redor da cabeça careca em cima. São Onofre possui uma cor amarelada, segura um pergaminho branco e o fundo é uma paisagem rural com plantas verdes, terra avermelhada e montanhas azuladas, e céu amarelo-dourado. Nos cantos superiores esquerdo e direito, há duas pessoas menores em cima de nuvens.



Aquele corpo representado no afresco da igreja ortodoxa oriental é totalmente diferente das representações ocidentais (imagem 2) do santo católico. Nestas representações, São Onofre tem um aspecto feral, desvinculado da civilidade, esquelético, desganhado, sem curvas, sem seios e totalmente alheio à sociedade.

A narrativa de São Onofre do Egito foi construída e sacralizada no ocidente de acordo com as perspectivas do Orientalismo. Conforme Schmid Batalha (2017, p. 179), “é expresso ideologicamente, num modo de discurso baseado em instituições, vocabulário, erudição, imagens, doutrinas, burocracias e estilos coloniais”.

O fato do distanciamento entre as narrativas sobre a vida de São Onofre e a forma como a sua história foi transmitida permite a realização de um paralelo a respeito de uma questão recorrente entre pessoas trans durante a vida e também após o seu falecimento, no qual veículos de comunicação e familiares deslegitimam a identidade trans, expõem o nome morto ou colocam o foco da notícia no gênero atribuído no nascimento. Gerando dificuldade para o recolhimento de dados sobre essa parcela da população. Apagando as suas trajetórias.

Desta forma, é preciso questionar em que ponto as narrativas de São Onofre foram alteradas para que a sua existência enquanto um corpo trans fosse sistematicamente modificado. De forma tão severa até que um dos últimos resquícios sobreviventes de sua transgeneridade fosse um único afresco em uma igreja localizada na Capadócia, tornando, assim, a narrativa e discussão sobre a transgeneridade de São Onofre um fato desconhecido e totalmente distante para o ocidente.

Considerações finais

A escassez de pesquisas realizadas no âmbito da Antropologia, Ciências da religião e Teologia sobre a religião na perspectiva da transgeneridade dificulta que estes temas sejam discutidos na atualidade. Como também a influência do discurso cissexista presente nas produções que são desenvolvidas.

Os questionamentos envolvendo a vida, obra e representações de padres do deserto, de santos designados do gênero feminino no nascimento e as narrativas referentes a São Onofre fazem parte da construção de novas histórias desvinculadas das



expectativas sobre os papéis de gênero que foram sendo definidos socialmente através dos séculos.

A dificuldade de realizar discussões sobre o tema da transgeneridade na antiguidade configura mais um dos processos de apagamento estrutural das vivências trans na história da humanidade. É necessário visibilizar estas narrativas para que esses debates ocorram em todos os âmbitos da sociedade.

Referências bibliográficas

ALTHAUS-REID, Marcella. Deus queer. Tradução de Fábio Martelozzo Mendes. Rio de Janeiro: Metanoia, Novos diálogos, 2019.

BETANCOURT, Roland. Little aaknown transgender saints. History. Disponível em: <<https://www.advocate.com/commentary/2020/12/12/little-aaknown-history-transgender-saints>>.

BILEFSKY, Dan. As virgens juramentadas, 2008. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/herald/2008/06/24/ult2680u693.jhtm>>.

DORAEMONOTE. Transexual Saint. Disponível em: <<http://doraemonote.blogspot.com/2009/05/transsexual-saint.html?m=1>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOLDING, Omar N. Faraó Hatsepsut lá primeira persona trans de lá história? Culturizando. Disponível em: <<https://culturizando.com/faraon-hatshepsut-la-primera-persona-trans-de-la-historia/>>. Acesso em 16 de janeiro de 2022.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília, 2012, p. 42.

“São Onúfrio”. CatholicSaintsInfo. 17 de abril de 2021. Web. Disponível em: <<http://catholicsaints.info/saint-onuphrius/>>. Acesso em 15 de janeiro de 2022.

SCHIMID BATALHA, Ettore. O Orientalismo, ou a afirmação do Discurso Hegemônico do Ocidente: Orientalism, or the affirmation of the Western Hegemonic



Discourse. Revista Argumentos, 14(2), p. 177–198, 2020. Disponível em:
<<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1126>>.

Acesso em: 08 de março de 2022.